

O impeachment de Dilma e a crise do lulismo

Tiago Nogara¹

SINGER, A. O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Escrita ainda no calor da tortuosa crise política e econômica que assola o Brasil, a obra de André Singer complementa seu já consagrado “*Os sentidos do lulismo*”, provendo ferramentas de altíssima qualidade para os que buscam analisar e compreender as complexas movimentações operadas no cenário político brasileiro dos derradeiros anos do projeto *lulista*. Recheada de inúmeras polêmicas, habilmente expostas pelo autor, a obra não apenas rediscute os vários eventos políticos que conformaram a crise gestada entre 2011-2016, como também propõe consistentes eixos teóricos para uma análise mais ampla dos acontecimentos que marcaram a história contemporânea brasileira, apresentando propostas como a dos *três partidos reais* da democracia representativa e do chamado *movimento pendular* da burguesia industrial.

Partindo da premissa de coexistência de um setor moderno e um atrasado na sociedade brasileira, Singer aponta que esta divisão resulta na conformação de um setor moderno grande o suficiente para impor vetos sobre a mudança das estruturas desta mesma sociedade. Assim, ao invés de indicar o atraso como responsável por impedir a ascensão do moderno, Singer indica no próprio vigor político do setor moderno a responsabilidade pela

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI), da Universidade de Brasília (UnB).



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

perpetuação do atraso, fruto da intocabilidade de seus meios de dominação. O sucesso desta iniciativa “bloqueadora” seria representado, politicamente, pela periódica aliança entre o partido administrador do “atraso”, o chamado *partido do interior*, com o *partido da classe média*, debilitando a ascensão de um terceiro partido, o *partido popular*.

A tese dos três partidos, na obra de Singer, aparece a partir de um exercício comparativo entre as movimentações político-partidárias de dois períodos da história contemporânea brasileira: o de 1945-1964 e o de 1989-2014. No primeiro período, os ditos partidos da *classe média*, *popular* e do *interior* seriam representados, respectivamente, pela UDN, o PTB e o PSD. No segundo momento histórico, estas mesmas agremiações partidárias seriam ilustradas por PSDB, PT e PMDB. Assim, os *partidos reais* de ambos os períodos seriam estruturalmente os mesmos, conformando uma polarização entre os projetos de país do partido da classe média e do partido popular, representando um conflito mais amplo, com a centralidade da disputa entre ricos e pobres, ainda que a força social do *subproletariado* tendesse a desviar a estética do confronto para feições populistas. Mediando esta contraposição, estaria o *partido do interior*, representante do atraso e das relações clientelistas.

A dinâmica do conflito partidário resultaria, na análise de Singer, em um singular problema para a democracia brasileira: uma vez ocorrido o realinhamento eleitoral – estabelecendo a polarização entre ricos e pobres, mediada pelo clientelismo do partido do interior – as dificuldades eleitorais do partido da classe média, incapaz de vencer as eleições, estimulariam sua postura golpista, tendendo à radicalização de suas movimentações em prol de uma solução não eleitoral para a disputa. Uma vez estabelecida esta situação, a agremiação do interior apareceria como o *fiel da balança*, podendo tanto *estabilizar* quanto *desestabilizar* a democracia.

Junto à hipótese geral, acerca do funcionamento da dinâmica partidária na democracia representativa brasileira, Singer apresenta outras três hipóteses de primordial importância para sua proposta: impulsionada pelo capital político lulista, Dilma teria forçado uma aceleração do projeto rooseveltiano, ilustrado em concomitantes *ensaios desenvolvimentista e republicano*; ao transitar do reformismo fraco ao reformismo forte, os ensaios

provocaram reações, impulsionando *frentes políticas antidesenvolvimentistas e antirrepublicanas*; diante da crescente oposição, a performance da presidente teria se tornado explicitamente errática, com sua desorientação programática aprofundando o isolamento do governo.

A idealização e aplicação dos chamados ensaio desenvolvimentista e ensaio republicano foram estabelecidas no primeiro ciclo do conjunto do governo Dilma, entre 2011 e 2013, caracterizado pelos altos índices de popularidade da presidente. Neste período, Dilma teria se afastado de parte das orientações do período lulista, desequilibrando duas de suas principais *vigas estruturantes*: a relação com o capital financeiro e aliança com o *partido do interior*, o PMDB. Os protestos de junho de 2013 ilustrariam a transição para um segundo período, de 2013-2016, ao reduzirem, em poucos dias, a popularidade de Dilma de 57% para 30%. Nesta segunda etapa, a frente desenvolvimentista seria cindida, com os industriais aderindo a uma campanha contra a intervenção estatal, enquanto a oposição ao ensaio republicano se aglutinaria no Congresso Nacional para forçar a derubada do governo. A Operação Lava-Jato, surfando na onda republicana, prosseguiria os esforços de combate à corrupção iniciados por Dilma, mas capitalizaria estes em uma cruzada *antilulismo* que viria a ser apoiada nas ruas por diversos setores sociais.

Consubstanciado na chamada “nova matriz econômica”, impulsionadora da redução dos juros para financiar a produção, o ensaio desenvolvimentista seria inicialmente apoiado pela aliança com os setores produtivos. No entanto, passaria, a partir de 2013, a sofrer com a oposição sistemática não apenas dos setores financeiros, mas inclusive da burguesia industrial, ao mesmo tempo em que o Banco Central passava a aumentar sistematicamente os juros, afrontando as diretrizes desenvolvimentistas do Ministério da Fazenda. Após as eleições de 2014, Dilma forçaria uma reaproximação com o rentismo, indicando Joaquim Levy para a Fazenda, mas seria incapaz de retomar a confiança dos industriais, que viriam a juntar forças com o *partido do interior* e o *partido da classe média* no entorno de um programa neoliberal, batizado de “Ponte para o futuro”.

O ensaio republicano representaria uma ofensiva do governo contra determinadas relações clientelistas enraizadas na política nacional, com o

combate à corrupção visando a recuperação de parte da capacidade operacional do Estado, destacada por Singer como necessária à consecução do projeto desenvolvimentista. Este ensaio, que teve como sua pedra de toque a demissão, orquestrada por Dilma, de três diretores da Petrobras, afetava importantes interesses do partido do interior, o PMDB, e de outras siglas aliadas do governo. Ao contrariar estes interesses, Dilma passou a enfrentar, progressivamente, o inconformismo de antigos aliados, anseios que Eduardo Cunha viria a capitalizar politicamente para obstruir os projetos do governo na Câmara e insuflar, posteriormente, a queda da presidente.

Por um lado, o ensaio desenvolvimentista tentou estabelecer uma aliança entre os trabalhadores e a burguesia industrial, para acelerar o sonho *rooseveltiano* do *lulismo*, mas terminou por jogar esta mesma burguesia no colo da oposição, além de romper as antigas boas relações do governo com os setores rentistas. Por outro, o ensaio republicano isolou politicamente o Governo, contribuindo para uma progressiva aproximação entre o *partido do interior* e o *partido da classe média*, que viriam a unificar, temporariamente, suas pretensões em prol do processo de impeachment. Segundo Singer, a percepção desta situação de isolamento levou a um confronto de diretrizes entre Lula e Dilma, com o primeiro anunciando, desde 2012, a necessidade de reaproximação com o rentismo e o PMDB, enquanto a segunda persistia na tentativa de fortalecer os *ensaios*, ainda que viesse a abandonar o desenvolvimentismo em 2015, dando margem às acusações de *estelionato eleitoral*, e, posteriormente, tentasse uma tardia reaproximação com o *partido do interior*, já às vésperas do impeachment, quanto entregou para Lula a articulação política do governo.

Pela complexidade dos eventos apresentados ao longo da obra, bem como pelo cuidado de Singer ao ilustrar o debate teórico concernente aos pontos que destaca, difícil se faz sintetizar a riqueza dos detalhes apresentados em seu mais novo livro. O próprio calor do momento no qual é escrito tende a conformar uma exposição mais marcada pelo levantamento de questionamentos do que pelo de assertivas. Isso fica claro na própria conclusão da obra: ainda que tenha, por quase todo o desenvolvimento de sua argumentação, demonstrado o errático voluntarismo que forçou um autoisolamento do governo Dilma, Singer finaliza o texto atribuindo o fim do *sonho rooseveltiano sem confronto* às manobras da oposição,

que teria feito questão de, à revelia das pretensões lulistas, radicalizar o confronto com o governo. Sem dúvidas, há uma *contradição entre a hipótese geral do trabalho*, que atribui à burguesia industrial e ao partido do interior uma tendência pendular e estrutural ao alinhamento com o golpismo, e a sua *própria argumentação*, que demonstra o enorme peso das erráticas manobras políticas de Dilma para conformar seu cenário de completo isolamento. Ainda assim, de forma alguma esta observação retira do escrito de André Singer sua riqueza e ousadia, ao traçar, ainda que sem maior distanciamento histórico dos acontecimentos, uma complexa e original interpretação acerca de tão polêmico capítulo da história recente de nosso país.

Recebido em: 14/08/2018
Aprovado em: 26/03/2019